
O CUIDADO HUMANO: AÇÃO DE PURIFICAÇÃO*
Human care: purification action

Jane Lilian Ribeiro Brum¹
Anita Marques Costa²
Marion Creutzberg³
Maria Luiza Machado Ludwig⁴
Eliane Norma Wagner Mendes⁵
Donatela Dourado Ramos⁶

RESUMO

Este estudo tem origem numa disciplina de mestrado. O tema “banho”, como ato de cuidado, foi desenvolvido, inicialmente, na forma de movimentos. A estética do movimento corporal, ao som de música foi retratado graficamente, permitindo chegar aos construtos como: relação, contato físico, compartilhamento, prazer, satisfação, limpeza, reproximação. A conceitualização de “banho” compreendida através de pesquisa em diferentes bibliografias e idiomas, foi traduzida por “purificação”. O significado de “purificação” foi estudado com o auxílio da antropologia. Percebemos que diversas práticas e rituais ao longo da história e da experiência humana trouxeram consigo elementos que podem auxiliar a enfermagem a criar e re-criar a vivência e o conceito do cuidado humano. Estes elementos e algumas contribuições para a compreensão de cuidado são apresentadas neste trabalho.

UNITERMOS: *banho, purificação, enfermagem.*

* Estudo apresentado na disciplina de Estudos e Práticas do Cuidado de Enfermagem, no Curso de Mestrado em Enfermagem da Escola de Enfermagem da UFRGS, sob orientação das Prof^{as}. Dr^{as}. Dulce Maria Nunes e Maria da Graça Crossetti em 1998/2.

1 Enfermeira Obstétrica, mestranda da EEUFRGS, bolsista FAPERGS.

2 Enfermeira Pediátrica, Professora Auxiliar da Faculdade de Enfermagem da PUCRS e da UNISINOS, mestranda EE UFRGS.

3 Enfermeira e Professora Assistente da Faculdade de Enfermagem da PUCRS. Mestre em Enfermagem/EEUFRGS

4 Enfermeira e Professora Assistente da EEUFRGS. Mestre em Enfermagem/EEUFRGS

5 Enfermeira, Professora Assistente da EEUFRGS. Mestre em Enfermagem/EEUFRGS

6 Enfermeira Especialista em Saúde Pública da Prefeitura de Porto Alegre, Mestranda da EEUFRGS.

1 INTRODUÇÃO: O MOVIMENTO

No decorrer da disciplina de Estudos e Práticas do Cuidado de Enfermagem desenvolveu-se um exercício de criação. A solicitação das professoras era de se tematizar movimentos. Uma de nossas colegas sugeriu o tema banho e assim traduzimos no espaço, ao ritmo da música, com nossos corpos, a expressão de diversas formas de banho. Criou-se uma coreografia. Cada componente do grupo (éramos seis colegas) participou dessa criação, ora expressando-se em movimentos, ora traçando no papel que visualizava. (figura 1).

O movimento externo manifestava o interior das cuidadoras, desvelando construtos como *relação, contato físico, compartilhamento, prazer, satisfação, limpeza, reaproximação*.

A representação gráfica, surpreendentemente, pareceu-nos algo semelhante a uma “dança na chuva”, um “ritual”, uma “cerimônia”. As pessoas, em seus gestos, pareciam expressar energia, força além dos limites de seu corpo. Há um movimento continuado, integrador. As imagens se construíam lembrando descrições de ritos primitivos, ancestrais.

Em 1965 Leroi-Gourhan estudou a relação entre os gestos humanos e a construção do conhecimento. Pôde-se perceber que os movimentos corporais no exercício vivenciado, demonstram algo que se aproxima do fazer da enfermeira enquanto cuida.



Figura 1 – Representação gráfica dos movimentos corporais sobre o banho.

2 BANHO, CUIDADO, PURIFICAÇÃO

O “banho” significa tornar puro, purificar, purificação (Ferreira, 1986). Daí o título deste estudo.

A bibliografia conceitua banho como imersão total ou parcial do corpo, especialmente na água, para fins higiênicos, terapêuticos ou lúdicos: banho de chuveiro, banho de mar (Le Robert, 1998; Ferreira, 1986). Servem para “*aplicar medicamentos em grandes áreas da pele, remover crostas, escamas e medicamentos anteriores, e para aliviar a inflamação e o prurido*” (Brunner e Suddarth, 1980).

Livros antigos de medicina indicam a alternância entre a água quente e fria, com partes do corpo imersas. Classificam os banhos em banhos de assento, completo ou neutro, com temperaturas e tempo de exposição variáveis. Os banhos, nas suas diferentes formas, tinham ação terapêutica, desde a melhora da circulação, das infecções, das dores até a cura de loucuras. O banho adquiria a conotação de **purificação**⁷, capaz de retirar a loucura do corpo (Swartout, 1945).

Na Yoga, segundo Andrade (1969), o banho também é sugerido como tratamento auxiliar em várias situações, ao lado de exercícios respiratórios e técnicas sedantes e relaxantes. Busca-se, através desses, **harmonizar e limpar** a mente, restaurando a normalidade do corpo e da mente.

Nightingale (1989, p.106) já relatava que o conforto e o alívio sentido pelo doente após o banho “*nada mais são de um sinal de que as forças vitais foram auxiliadas pela remoção de alguma coisa que as oprimia*” ampliando o conceito de banho: não só um cuidado físico, mas um cuidado que sugere **purificação**.

Helman (1994) define higiene pessoal como “*negligência ou estimulação da higiene pessoal, realização freqüente de rituais com banhos e purificações, instalações privadas ou coletivas para o banho*” e afirma que o último estágio dos ritos de passagem “*é freqüentemente celebrado através de ‘banhos’ rituais ou outros ritos de purificação simbólica*”, Van Gennep, citado por Helman, (1994). Nesse sentido, para Van Gennep (1978) “*o primeiro banho, a lavagem da cabeça, o rito de friccionar a criança, ao mesmo tempo em que têm a finalidade higiênica, parecem ser ritos de purificação, que se incluem na categoria dos ritos que separam da mãe.*”

A palavra *purificação*, tem sua origem no latim (*purus, facere*) o que significa ‘fazer puro’, algo, alguma condição que purifica alguém ou alguma coisa (Champlin e Bentes, 1991). Purificar significa tornar puro, livrar ou desembaraçar de substâncias que alteram, corrompem; depurar,

7 Os grifos em negrito são das autoras, com o objetivo de ressaltar palavras que se repetem nos diferentes referenciais e são consideradas chaves na reflexão que aqui se constrói.

purgar, mundificar; tirar mácula(s); tornar puro moralmente; santificar; “a confissão purifica as almas”; limpar, isentar: “a penitência purifica as almas da culpa”; desembaraçar, purgar de impureza(s); limpar-se física ou moralmente. (Ferreira, 1986)

As idéias de Gandhi (1983, p.123) reforçam os conceitos já citados: “*Quem levar uma vida pura deve estar sempre pronto para o sacrifício*”, “*O corpo, se não for lavado fica sujo, assim a alma sem oração se torna impura*”(Id, p.120), que remetem o tema à dimensão religiosa.

3 A PURIFICAÇÃO EM EXPERIÊNCIAS RELIGIOSAS

A busca por purificação é antiga na história da humanidade. Na mais antiga das religiões, a *veneração à Deusa*, encontrada no período neolítico, há dezenas de milhares de anos (Nicholson, 1993) há a busca pela “*regeneração e transformação*”, numa ligação íntima entre natureza, espiritualidade e cuidado à *vida*. No culto às deusas era praticado o “*Ritual do banho sagrado*”, assegurando a reintegração das forças da divindade (Eliade, 1993). No culto à Isis, a Deusa curadora, no antigo Egito, encontramos *rituais para transformar doenças, sofrimento, opressão, injustiças em “conforto e esperança ao coração e energia renovadora para o corpo”* (Nicholson, 1993, p.107).

Os rituais das *antigas religiões*, quase universalmente, incluíam a *purificação*. Para afastar espíritos malignos e encorajar os espíritos bons, as pessoas precisavam ser purificadas.

No estudo das hierofanias⁸ cósmicas (o céu, as águas, a terra, as pedras, das hierofanias biológicas (ritmos lunares, o sol, a vegetação, agricultura, sexualidade...) das hierofanias tópicas (lugares consagrados, templos...) e dos mitos, descritos por Eliade (1993), com o intuito levar à compreensão de muitos elementos religiosos, também se encontra a questão da purificação. Quanto a simbologia das águas, o autor cita que a divindade iraniana das águas “*é chamada de a santa que multiplica os rebanhos...os bens...a riqueza...a terra..., que purifica a semente de todos os homens...a matriz de todas as mulheres...que lhes dá o leite de que necessitam*”. Fala ainda, que “*as águas expulsam e curam todas doenças!*”.

Nas religiões recentes, no Brasil e em todo o mundo, sempre encontraremos algum aspecto ligado à *purificação* do corpo, da mente, do espírito.

Nas *religiões afro-brasileiras* temos os rituais de purificação/“*limpeza*”, destinados à expulsão de ‘coisas’ más e a incorporação de ‘coisas’ boas (La Porta, 1979). Esses rituais são carregados por *gestos* que limpam – o *toque físico*, o *pele-à-pele*, os *sacrifícios* de animais, o ritmo,

8 Crenças em elementos da natureza (Eliade, 1993)

a dança, o suor, os aromas, arte, sexualidade, ... Os ritos também envolvem *banhos*, banhos de folha para remover transgressões e proibições, especialmente alimentares. (Moura, 1987).

Entre *tribos indígenas*, encontramos *ritos* que marcam todos os momentos de passagem no ciclo vital, ritos relacionados com os ciclos da natureza, ritos que celebram as relações familiares e ritos de iniciação (Melatti, 1978). Há muitos *movimentos, gestos e cores*, acompanhados de cânticos nos ritos coletivos. Mas existem também os ritos individuais, (após o nascimento de um/a filho/a, p. ex.) que se constituem basicamente por restrições – ‘evitações rituais’ – de determinados alimentos ou hábitos, cumprimento de períodos de abstinência, utilização de objetos que afastem a doença e mantenham a saúde. No rito da morte, os familiares do defunto são lavados com muita *água*, para *limpá-los* da terra, lágrimas, catarro e manchas da pintura do defunto ...

Por se tratar, em nosso meio, do livro mais usado para fundamentar um grande número de religiões, fizemos um breve resgate da questão da purificação nos *escritos bíblicos*. Nestes encontramos muitos registros sobre purificação, em seu aspecto ético, espiritual, cerimonial, ritualista e sanitário.

Conforme Champlin e Bentes (1991), no *Antigo Testamento* considera-se que as pessoas se tornavam imundas através do contato com coisas ou seres imundos. Quando *imundas/impuras*, as pessoas necessitavam de *purificação*, lavando-se ou oferecendo sacrifícios. A imundícia aparece tanto de forma literal, quanto figurada. Os conceitos de imundícia incluíam, entre outros, o tocar em cadáveres, a lepra, tocar em animais ou alimentos considerados impuros, funções sexuais (contato com mulher menstruada ou no pós-parto, com sêmen humano, p. ex.). Enquanto a pessoa não estivesse purificada, não podia participar do culto/celebração e devia estar separada da congregação. Além disso, ao negar-se a passar pelos ritos, era executada. No meio popular, longe do controle dos sacerdotes do templo, as curas aconteciam na base de banhos no rio, ervas cozidas, lama e muito toque, contato físico entre curandeiro/a e a pessoa doente, em 1 Reis 4ss (Bíblia Sagrada, 1985).

Também o *Novo Testamento* está repleto de passagens representativas de purificação.

Conforme Franco (1987), João Batista, primo de Jesus, desde criança refugiava-se na natureza para longos períodos de meditação, tendo iniciado suas pregações em torno do ano 15 da era cristã. João lavava com a água do rio Jordão as impurezas daqueles que se deixassem batizar. Pagou com a própria vida a coragem de ter combatido a degeneração moral que imperava até mesmo na corte: Em Mateus 7.19 “*Toda a árvore que não produz bons frutos será cortada e lançada ao fogo*” (Bíblia Sagrada, 1985).

Seguindo o caminho preparado por seu precursor, Jesus inicialmente também batiza e exorta seus seguidores à reforma moral, como vemos em sua fala no *Sermão da Montanha*, em Mateus 5.8: “*Bem aventurados os que têm puro o coração*” (Bíblia Sagrada, 1985), fazendo referência à necessidade de nos purificarmos interiormente. Ao ser perguntado pelos escribas e os fariseus: “*Por que violam os teus discípulos a tradição dos antigos, uma vez que, não lavam as mãos quando fazem as refeições?*” Jesus respondeu: “*Por que violais vós outros o mandamento de Deus para seguir a vossa tradição? Não é o que entra na boca que macula o homem; o que sai da boca do homem é o que o macula. – O que sai da boca procede do coração e é o que torna impuro o homem; porquanto do coração é que partem os maus pensamentos...*”, Mateus 15.1-20 (Bíblia Sagrada, 1985).

A *purificação* passa também pelo cuidado com o corpo, com a vida. Percebe-se isso nos relatos das *curas* realizadas por Jesus e seus apóstolos, por exemplo em Mateus 11.5: “*os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos tornam-se limpos, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam.*” (Bíblia Sagrada, 1985).

Entre essas passagens, merece destaque a que segue: Jairo, um chefe da sinagoga, rogou a Jesus: “*Minha única filhinha está a expirar; suplico-te que venhas pôr as mãos sobre ela, para que sare e viva*”, em Marcos 5.21ss. Jesus partiu com ele apertado pela multidão, e foi *tocado* em suas vestes por uma mulher, que sofria de hemorragia há doze anos, sem sucesso em inúmeros tratamentos realizados. A mulher *curou-se* imediatamente, tendo Jesus lhe dito: “*Filha, a tua fé te salvou, vai em paz, e fica livre do teu mal*”. Ao chegar à casa de Jairo todos consideravam a menina morta. Riram de Jesus quando ele disse que ela apenas dormia. “*Tomando-a pela mão, disse em voz alta: Menina, levanta-te! Imediatamente ela se levantou e começou a andar...*” (Bíblia Sagrada, 1985).

Vemos nessas passagens, relatadas pelos Evangelistas, o poder terapêutico do *toque*, impulsionado pelo *pensamento* e pela *fé*, uma vez que a incomensurável energia revitalizadora do Cristo, que emanava de seu imenso amor, era transmitida àqueles que se dispunham a recebê-la – a *purificação* se dá pela *fé* em Cristo.

Tanto João Batista quanto Jesus não desprezaram a importância dos momentos dedicados à pregação pela *palavra*, isto é, utilizaram-se com veemência e maestria do verbo como instrumento de sensibilização e transmissão de *conhecimentos*, bem como oportunidade ímpar para a reflexão. A *palavra* de Deus, transmissora de vida, *purifica*. A *esperança*, purifica!

Os ritos cristãos de purificação, vivenciados até hoje, (batismo, eucaristia, unção, confissão...) se tornam simbólicos, mas expressam uma condição interna. No batismo acontece a ablução, a imersão ou a simples aspersão com água, significando um *renascer* espiritual, com purificação

de todas as culpas e pecados (Ferreira, 1986). De forma simbólica a pessoa “*morre através da imersão e renasce, purificado, renovado...*” (Eliade, 1993, p.160).

4 A PURIFICAÇÃO COMO AÇÃO DE CUIDADO

A noção de purificação, tanto física como espiritual, nos remete ao primeiro conceito do trabalho: cuidado..

Após a vivência inicial e a busca bibliográfica, percebemos uma estreita relação entre a ação de *cuidar*, *cuidado* com o ser humano e o ato de *purificar*. Isso pode ser novamente visualizado em alguns significados para os conceitos dessa relação entre *purificação e cuidado*, conforme Ferreira (1986):

“*Cuidado: atenção; precaução, cautela; inquietação de espírito; diligência, desvelo, zelo;* □

Zelo: aflição ou dedicação, cuidado, desvelo ardente, por alguém ou por algo. Vivo ardor a serviço de Deus ou da religião. Pontualidade e diligência em qualquer serviço.

Diligência: cuidado ativo, zelo, aplicação. Atividade, rapidez, presteza. Investigação, pesquisa, busca.

Desvelo: grande cuidado, carinho, vigilância, dedicação.”

O termo desvelar aparece com dois sentidos diferentes, que aqui se complementam:

“*Desvelar – encher-se de zelo, ter muito cuidado, diligenciar. Desvelar – tirar o véu; descobrir, revelar; mostrar-se, patentear-se, revelar-se, aclarar.* □

Aclarar: tornar claro, dar luz ou claridade, iluminar, alumiar, clarificar, limpar, PURIFICAR!”

Permitimo-nos ir um pouco além, na tentativa de compreender aquilo que criamos em nosso exercício – nossa vivência, agora à luz desses conceitos.

O conhecimento estético permite ver a criação do cuidado, a ação de cuidar, como uma obra de arte. No presente trabalho, na arte criada, acontece a *purificação* enquanto ação de cuidado. Assim, voltando-nos ao movimento inicial, o cuidado acontece com movimentos harmônicos, leves e delicados, constituindo-se em ação revestida de beleza. Pareyson (1993), argumenta que a obra de arte inicia com um processo complexo que envolve dedicação, disciplina e disponibilidade de tempo para sua execução.

Enquanto a obra é rasurada, ela já é uma obra, permeada pela criatividade e por uma forma imaginada anteriormente. Por outro lado, embora de tudo tenhamos uma idéia ou conceito prévio, os sentimentos individuais e a capacidade inventiva predominarão na produção de uma obra de arte – um cuidado que é único, para uma pessoa única, num momento único – num momento *sagrado*.

Vimos anteriormente a ligação que existe entre ritos de passagem e purificação. Esses ritos acontecem numa ligação profunda com a religiosidade, a espiritualidade, em espaço e tempo sagrado. Cuidar da vida, nas passagens, é ato sagrado e está ligado à divindade, nos diferentes momentos da humanidade. Entendemos, assim, que necessitar de cuidado, para cuidar da vida, é algo sagrado. Cuidar, nesse contexto, é algo sagrado – é purificar. “Dar um banho”, então, é um momento sagrado! Assim, o desafio será resgatar o sagrado desse ato de cuidar: é não dar o banho somente enquanto limpeza física. Dar o banho, cuidar, é como percebemos em nosso exercício: *relação, contato físico, compartilhamento, prazer, satisfação, sensação gostosa, limpeza, reaproximação*.

Nesse momento nos vem à mente a realidade do cuidar, banhar na ação de enfermagem que temos e vemos: certamente não têm a conotação de purificação que aqui descobrimos, construímos.

O banho da pessoa doente, acamada e internada em uma instituição sempre foi uma atribuição da enfermagem, desde o seu surgimento como profissão. Na linguagem comum da profissão ele é denominado como uma “técnica de enfermagem” e, no nosso entendimento, tratado como um procedimento rotineiro, ainda que implique em um momento de “invasão” do corpo do outro. A experiência nos mostra que este momento, tão importante para o doente, principalmente pelo bem estar que pode proporcionar, não recebe a devida importância pelos profissionais.

Vieira (1994), percebeu que concluintes de graduação em enfermagem demonstravam aversão à tarefa de dar banho, embora o considerem importante para “*proporcionar conforto, alívio de fadiga, prevenção de úlceras de pressão, resgate da aparência física e oportunidade de promover interação entre o cuidador e o cuidado*.” Consideram o banho como uma técnica que dispende muito tempo – tempo que deveria ser utilizado para desenvolver cuidados mais complexos – e que pode ser delegada a outro membro da equipe de enfermagem.

O significado do termo “técnica”, “a parte material ou conjunto de processos de uma arte” – (Ferreira, 1986), nos indica que ela é apenas uma parte da arte. A técnica não é a arte em si! A arte se completa, acontece com algo mais...

O paciente, cliente, certamente deseja que consideremos esse *momento como sagrado, no respeito ao seu corpo, numa atitude ética, num toque terapêutico, regenerador, numa troca prazerosa*. Mas o que encontramos? Uma rotina – não um rito! Até encontramos, nas orientações

para o banho, a oportunidade de se relacionar com a pessoa, mas o que nos norteia, é um paradigma biológico, separando o corpo da mente e do espírito.

Aprendemos e continuamos a reproduzir um cuidado que não percebe a espiritualidade, a religiosidade da pessoa. O tema aqui estudado coloca-nos o grande desafio para considerarmos a dimensão religiosa, espiritual da pessoa. A origem da religião está intimamente ligada com a necessidade de cuidado da vida. Considerar a crença do paciente, em seus diferentes momentos e estágios da vida, torna-se uma obrigação do profissional, muito antes que uma opção. É preciso entrar no mundo de suas crenças, ainda que não sejam as nossas. Sagrado/religião, não é um fenômeno separado do concreto da vida – é um reflexo do social, econômico, político, lingüística, cultura ... A pessoa sente que precisa ser cuidada – purificada diante da *doença, da morte, da presença de espíritos imundos, do coração/pensamento impuro, da ameaça à vida, da falta de afeto (sexualidade), passagens, secreções, isolamento social ...* Resgatando a dimensão purificadora do cuidado, perceberemos que, no momento em que é cuidado, o ser humano está ligado as suas crenças e deseja vivenciar o *alívio, conforto, tranqüilidade, perspiração, remoção de impureza, saúde, paz de espírito, revitalização, regeneração ... purificação!*

Na criação do cuidado, os nossos sentimentos, interligados aos sentimentos do ser cuidado, dar-lhe-ão a forma final. Todos nós, cuidados e cuidadores, trazemos para este momento único, a nossa história, nossas vivências anteriores, a nossa experiência enquanto anteriormente seres cuidados e cuidadores. Por isso, a obra sempre será única, será um movimento continuado... Ao longo da história e das experiências humanas aqui apontadas, vimos que a purificação se dava através do *fogo, da terra, do ar, água, sacrifício, transcendência, ritual, subjetividade, palavra/conhecimento, toque/contato sangue, fé/crença.*

Acreditamos num cuidado/cuidador de enfermagem, que fundamente nesses e outros elementos, a criação e vivência de seu cuidado.

5 E O MOVIMENTO CONTINUA...

No início deste trabalho sentimos-nos motivadas a perseguir e compreender nosso fazer-cuidar em enfermagem expresso no movimento. Esse resgate do que está em nossa memória, certamente não é algo isolado de um contexto maior de mudanças.

A “*visão mecanicista do mundo*” e seu sistema de valores produziram “*tecnologia, instituições e estilos de vida profundamente patológicos*” (Capra, 1982). O sistema de saúde vinculado ao mesmo paradigma perpetua as causas de saúde precária, reforçado com o desinteresse das forças empresariais e financeiras pela saúde pública. As atividades “entrópicas”, aquelas que precisam ser feitas repetidamente, que envol-

vem essencialmente o trabalho manual, são consideradas tarefas de *status* inferior. Já às atividades que utilizam muita tecnologia, concede-se um *status* elevado.

O movimento holístico da saúde vem promovendo mudanças a partir de novos referenciais, numa profunda visão ecológica da vida destinada a “*eclipsar a visão de mundo cartesiana em nossa sociedade.*” Nesse sentido as atividades “*entrópicas*”, – entre as quais o autor cita a enfermagem – ajudam-nos a “*reconhecer os ciclos naturais de crescimento e declínio, de nascimento e morte, e a adquirir, portanto, consciência dinâmica do universo*” (Capra, 1982).

Os rituais primitivos e ancestrais da história da humanidade, a limpeza do corpo e do espírito em práticas atuais, a simbologia envolvida nos estudos fez-nos compreender o significado da purificação.

A expressão da arte, o movimento, a iluminação, os referenciais teóricos, as dimensões científicas do trabalho traduziram a própria definição de enfermagem: ciência e arte do cuidado humano.

Ao entendermos o cuidado humano como um movimento de purificação, somos levadas a pensar, refletir, questionar: por quê a enfermeira não realiza no seu cuidar diário, cuidados como o banho, preferindo delegá-los a outros membros da equipe cuidadora?

Certas de que podemos reconquistar a essência da enfermagem, a partir do cuidar-purificar, entendemos que esse movimento continua em nosso agir cotidiano ...

ABSTRACT

This article was originated by a request of some professors of the Masters Course in Nursing. The theme “bath”, as an act of care, was developed, initially, on the meaning of moves. The esthetic of body movement, to the sound of music, was represented graphically, allowing to reach constructs as: relationship, physical contact, sharing, pleasure, satisfaction, cleanliness, reapproximation. The concept of “bath”, understood through research in different bibliography and idioms, was translated as “purification”. The meaning of “purification” was studied with an anthropological view. Many practices and rituals were perceived through history and human experience and bring with them tools that may help Nursing to create and recreate the experience and concept of human care. These elements and some contributions to comprehend care are shown in this study.

KEY WORDS: *bath, purification, nursing.*

RESUMEN

El origen – el génesis – de ese trabajo resulta de solicitación de las maestras para que el grupo representara acción de cuidado. El tema “baño”, surgió con espontaneidad y fue acepto por el grupo. El movimiento, la estética del movimiento corpóreo, al sonido de música, fue retratado gráficamente y permitió llegar a constructos como: relación, contacto físico, compartir, placer, satisfacción, limpieza, reaproximación. El concepto de “baño” obtenido por medio de estudios y investigación en diferentes en bibliografías y idiomas, fue traducido como “purificación”. La purificación que fue estudiada con la ayuda de la Antropología. Nosotros notamos varias prácticas y rituales a lo largo de la historia y de la experiencia humana. Ellos trajeron consigo elementos que pueden ayudar el enfermería para crear y recrear la práctica y el concepto del cuidado humano. En este trabajo presentamos estos elementos.

DESCRIPTORES: *baño, purificación, enfermería.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 ANDRADE, J. H. *Yoga para nervosos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1969.
- 2 BIBLIA SAGRADA. *Bíblia de Jerusalém*. 2.ed. São Paulo: Paulinas, 1985.
- 3 BRUNNER, L. S.; SUDDARTH, D. *Moderna prática de enfermagem*. 2 ed. Rio de Janeiro: Interamericana, 1980.
- 4 CAPRA, F. *O ponto de mutação*. A ciência, a sociedade e a cultura emergente. São Paulo: Cultrix, 1982.
- 5 CHAMPLIN, R. N. ; BENTES, J. M. *Enciclopédia de bíblia, teologia e filosofia*. São Paulo: Editora Candeia, 1991.
- 6 ELIADE, M. *Tratado de história das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- 7 FERREIRA, A. B. de H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986.
- 8 FRANCO, D. P. *Princípios do reino*. Salvador: Alvorada, 1987.
- 9 GANDHI, M. *O Pensamento vivo de Gandhi*. São Paulo: Martin Claret, 1983.
- 10 HELMAN, C. *Cultura, saúde e doença*. 2 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- 11 LA PORTA, E. M. *Estudo psicanalítico dos rituais afro-brasileiros*. Rio de Janeiro: Atheneu, 1979.
- 12 LEROI-GOURHAN, A. *O gesto e a palavra*. 2 - Memória e ritmos. Portugal: Edições 70, 1965.
- 13 LE ROBERT, M. *Dictionairs*. Paris: 1993.
- 14 MELATTI, J. C. *Ritos de uma tribo timbira*. São Paulo: Ática, 1978.
- 15 MOURA, C. E. M. (org). *Candomblé. Desvendando identidades*. São Paulo: EMW Editores, 1987.
- 16 NICHOLSON, S. (org) *O novo despertar da deusa*. O princípio feminino hoje. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- 17 NIGHTINGALE, F. *Notas sobre enfermagem: o que é e o que não é*. São Paulo: Cortez, 1989.
- 18 PAREYSON, L. *Estética – teoria da formatividade*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- 19 SWARTOUT, H. *Conselheiro Médico do Lar*. Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1945.
- 20 VAN GENNEP, A. *Os ritos de passagem*. Petrópolis: Vozes, 1978.

- 19 VIEIRA, W. P. Banho do paciente acamado: cuidado polêmico para o concluinte do curso de graduação de enfermagem. Rio de Janeiro. UFRJ. Escola de Enfermagem Anna Nery. 1993. Dissertação de Mestrado, (Resumo) In: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENFERMAGEM; CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM. *Informações sobre pesquisas e pesquisadores em enfermagem*. Brasília, 1994. V. 13, p.17.

Endereço da autora: Marion Creutzberg
Author's address: Rua Ari Marinho 33/309 – Higienópolis
90520-300 - Porto Alegre – RS
E-mail: marionc@pucls.br